

ENSINO DE TEATRO: A UTILIZAÇÃO DO VÍDEO-ESPELHO PARA O PROCESSO AVALIATIVO

Meiriluce Portela Teles Carvalho¹
Gisele Vasconcelos²

RESUMO: O presente artigo baseia-se em pesquisas sobre o ensino de teatro e a utilização do vídeo-espelho no processo avaliativo. Dessa forma, ressalta-se a importância do uso de tecnologias no processo de ensino-aprendizagem, como a contribuição do *smartphone* na experiência artística, através da produção e fruição estética como recurso para fazer os registros das práticas cênicas e o uso do vídeo-espelho como recurso de registro para a análise das práticas teatrais. De maneira a permitir ao professor uma ampliação das possibilidades perceptivas no ato de verificar as aprendizagens de forma participativa. Assim sendo, o registro em vídeo possibilita percepções mais profundas, tanto por parte do professor, quanto dos alunos inseridos no processo, durante ou depois de sua realização.

Palavras-chave: Ensino; Teatro; Vídeo-espelho; Avaliação.

ABSTRACT: This article is based on research on theater teaching and the use of the video mirror in the evaluation process. Thus, the importance of the use of technologies in the teaching-learning process, such as the contribution of the smartphone in the artistic experience, through the production and aesthetic enjoyment as a resource to make the records of the scenic practices and the use of the video-mirror as a recording resource for the analysis of theatrical practices. In order to allow the teacher an amplification of the perceptive possibilities in the act of verifying the learning in a participatory way. Thus, video recording allows deeper insights, both on the part of the teacher, and of the students inserted in the process, during or after its realization.

Palavras-chave: Teaching; Theater; Video-mirror; Evaluation.

¹ Professora EBTT do Campus IFMA São José de Ribamar. Mestranda do Prof-ARTES, UFMA. E-mail: meiriluce.carvalho@ifma.edu.br.

² Professora orientadora do PROFARTES do Departamento de Artes Cênicas da UFMA. E-mail: vasconcelosgisele@yahoo.com.br.

1. INTRODUÇÃO

O desejo em realizar essa pesquisa está centrado na percepção de que a experiência artística no teatro é algo que passa muito rápido, dificultando muitas vezes a análise da evolução dos alunos de forma mais sistemática e pormenorizada sobre seu desempenho, tanto no aspecto individual, quanto no coletivo, assim, surgiu a pretensão de utilizar as tecnologias para contribuir com tal dificuldade e poder com isso aprender a aprender e desenvolver saberes sobre o pensar, implicando também a motivação no sentido de que o aluno discuta junto com o educador, e que seja avaliado não só pela prova tradicional, mas também por meio da interatividade, participação e socialização.

Assim, o presente estudo está centrado no ensino de arte/teatro com a utilização de vídeo-registro nas aulas de teatro a fim de contribuir no ensino aprendizagem dos alunos do ensino médio, forma integrada no IFMA/Campus São José de Ribamar. Tendo como objetivos: Analisar os fundamentos teóricos e práticos sobre a importância das Tecnologias da informação e comunicação/TIC's no processo de ensino e aprendizagem, especialmente o uso do vídeo-espelho como recurso de registro nas aulas de teatro que possibilite uma aprendizagem com maior significância que tanto o docente quanto os discentes conjuntamente poderão acompanhar todo processo de desenvolvimento do trabalho em sala de aula, pois quando se pensa na ressignificação da aprendizagem a “(...) experiência e o saber que dela deriva são o que nos permite apropriar-nos de nossa própria vida”. (BONDÍA, 2002, p. 27). E para fazer esses registros a utilização do *smartphone* para captar um momento.

Para a realização do estudo foi utilizado a pesquisa bibliográfica de cunho quanti-quali; teorização da prática através de exercícios cênicos; montagens de cenas; jogos; improvisações e releituras de textos cênicos. Com a utilização do vídeo-espelho, pretende-se oportunizar uma avaliação coletiva e ainda conhecer as dificuldades dos alunos como subsídio para as análises detalhadas sobre a sua evolução nas atividades cênicas e, ainda, poder interagir com a avaliação individual e coletiva. É possível observar que “a avaliação é fundamental [...] para uma atividade centrada no processo [...] uma vez que está associada à eficácia do ensino em termos de seu planejamento e estrutura”, afirma CABRAL (2002).

Nesse sentido, o teatro em sala de aula tem como parâmetro melhorar o desenvolvimento do conhecimento crítico, da interatividade, da criatividade e da socialização na perspectiva de uma abordagem contextualizada, proporcionando assim, conhecimento sobre o campo de produção das artes cênicas e de suas propriedades essenciais.

Para (DEMO, 2015) o processo da aprendizagem almeja a condição de sujeito participativo, sempre envolvido e motivado, tendo uma posição ativa no momento da desconstrução e reconstrução de saberes e da informação, de forma ativa e nunca passiva. De forma que o uso de tecnologias na educação permite “[...] um processo contínuo e múltiplo, em suas fontes, em suas vias de acesso, em suas formas. Um autêntico universo oceânico de informações alimenta o fluxo incessante de construções possíveis de novos saberes”. (LÉVY, 2008a, p. 161).

2. AS NOVAS TECNOLOGIAS E SUAS CONTRIBUIÇÕES PARA O PROCESSO DE APRENDIZAGEM

Atualmente, tem se discutido bastante sobre a utilização das novas tecnologias na colaboração do processo de ensino aprendizagem, buscando ampliar as possibilidades do docente em seu trabalho na sala de aula, com o uso de lousas digitais, tabletes, notebooks, smartphones, vídeo, dentre outros, oportunizando à sua prática maiores resultados na construção de poéticas de aprendizagem, auxiliando, portanto, no processo de desenvolvimento do exercício de sua docência.

É importante destacar que o “ensinar com as novas mídias será uma revolução se mudarmos simultaneamente os paradigmas convencionais do ensino, que mantêm distantes professores e alunos. Caso contrário, conseguiremos dar um verniz de modernidade, sem mexer no essencial”. (MORAN, 2000, p. 63). Deste modo, o conhecimento e o saber utilizar as ferramentas tecnológicas na sala de aula permitem um diferencial na aprendizagem que contribui para o trabalho do docente, assim como para o *feedback* dos discentes cuja contribuição, incorpora a produção de resultados que tendem a inovar a reconstrução de saberes.

Entretanto, integrar estas tecnologias às novas formas de ensino e aprendizagem, ao planejamento e ao currículo escolar são desafios ao educador, exigindo deste, a qualificação necessária para abrir novos caminhos e ressignificações das suas práticas e teorias. A partir do momento em que as mídias são utilizadas em sala de aula, o docente passa a colaborar para a construção de uma experiência participativa e crítica de sua realidade.

E que experiência se quer propor com o uso do vídeo espelho em sala de aula? Primeiramente, faz-se necessário definir essa ferramenta/mecanismo no processo de ensino aprendizagem em teatro, cuja proposta busca romper com velhos paradigmas educacionais,

muitas vezes centrados em currículos recortados, de memorização, repetição e transmissão de informações. Nessa perspectiva, a proposta busca criar novos ambientes que proporcionem a aprendizagem relacionando-a com novas estratégias sociais a partir da utilização das novas ferramentas tecnológicas (MORAES, 1997).

Sabendo que as tecnologias têm sido cada vez mais propagadas em vários ambientes, por que não utilizá-las também em favor da educação? Alguns recursos como televisão, vídeo, computadores disponibilizados pela própria escola, ou até mesmo os *smartphones* dos alunos e alunas podem ser usados como meios que agregam metodologias, que incentivam a execução do uso das TIC's e que impactam o ensino e a aprendizagem criativa e que busque “[...] permitir-nos compartilhar nosso conhecimento e apontá-los uns para os outros”. (LÉVY, 2010, p. 17).

Partindo do pressuposto de que o professor é o mediador do processo de ensino e de aprendizagem, é necessário, nesse caso, que ele esteja sempre empenhado a desenvolver estratégias que dialoguem com os recursos tecnológicos no ambiente escolar, permitindo assim aos discentes, formas diferentes de apreender a aprender, tendo em vista o alcance dos objetivos como o desenvolvimento da investigação, da pesquisa e da experimentação em sala de aula. Assim, para Moran:

O professor se transforma agora no estimulador da curiosidade do aluno por querer conhecer, por pesquisar, por buscar a informação mais relevante. Num segundo momento, coordena o processo de apresentação dos resultados pelos alunos. Depois, questiona alguns dos dados apresentados, contextualiza os resultados, os adapta à realidade dos alunos, questiona os dados apresentados. Transforma informação em conhecimento e conhecimento em saber, em vida, em sabedoria - o conhecimento com ética.
MORAN (1995, p. 1)

Desta feita, é necessário que o professor enquanto mediador seja agente transformador, que oriente o olhar dos alunos para o processo de avaliação nas diversas práticas educativas, assim como no caso do vídeo-espelho.

Boal (2009, p. 22) nos diz: “Arte é o objeto, material ou imaterial. Estética é a forma de produzi-lo e percebê-lo. Arte está na coisa; Estética, no sujeito e em seu olhar.” No processo de avaliação com o vídeo espelho é o professor o mediador, aquele que indica possibilidades para as várias formas de olhar, diferentes formas de olhar, direcionando o foco da avaliação para os elementos que são propriamente teatrais e para as visualidades, sonoridades e espacialidades.

2.1 O uso de *smartphone* em práticas artístico-pedagógicas

O professor é um mediador e poder lançar novos desafios subsidiados a partir das contribuições que as TIC's trazem para as atividades de ensino e para o processo de aprendizagem do educando, deixando de se apresentar como figura central do conhecimento em sala de aula para tornar-se um otimizador do desenvolvimento conhecimentos, fornecendo desse modo, meios e instrumentos para a estimulação do diálogo, da reflexão e da participação crítica no contexto da educação.

É fundamental que as escolas modernizem a forma pela qual mediam o conteúdo pedagógico, incorporando ao tradicional quadro negro ou branco, novas plataformas e recursos. Dessa forma, compreende-se que a tecnologia deve ser utilizada na escola para ampliar as opções de ação didática, com o objetivo de criar ambientes de ensino e aprendizagem que favorecem a postura crítica, a curiosidade, a observação e análise, a troca de ideias, de forma que o educando possa ter autonomia em seu processo de aprendizagem, buscando e ampliando seus conhecimentos.

Por outro lado, não se pode esquecer a atuação dos alunos em relação a isso, principalmente no que se refere ao uso do *smartphone* de forma inadequada, o que chega a ser um problema no contexto educacional. Assim, surge o questionamento: por que, em vez de brigar com essa realidade, não aproveitá-la para fazer desse dispositivo um aliado no processo de ensino e aprendizagem?

Nessa perspectiva, o presente trabalho propôs o uso do *smartphone*, a fim de demonstrar aos educandos que esses dispositivos funcionam como recurso de atração para eles e de construção do conhecimento, e que existem possibilidades de inserção dessa mídia no ensino dessa linguagem teatral, uma vez que os registros são realizados por meio de gravações de todas as atividades para posterior análise.

Para Antunes (2007, p.70) “Com as novas tecnologias é possível passarmos de uma escola especialista em ‘ensino’ para uma escola que se especializa em ‘aprendizagem’”.

O celular tornou-se a tecnologia mais usada na sociedade devido às diversas possibilidades que oferece. Desse modo, a inclusão de tal tecnologia no contexto educacional é fundamental para que se possa estimular a participação e o interesse dos alunos na realização do *smartphone* como recurso para fazer registro dos vídeos das mediações em teatro como forma mais dinâmica de socializar e contextualizar os conteúdos aprendidos.

Os registros realizados com o uso do celular tornam o avaliativo mais rico e acessível ao aluno, o que é importante para ele no sentido de mostrar-lhe o seu ato criativo, sua experiência e as reflexões dessas vivências. Assim, deixando claro que as ferramentas tecnológicas evoluíram e que quando adaptadas para a avaliação e autoavaliação só enriquecem a educação.

2.2. Vídeo-espelho e a avaliação nas aulas de teatro

Após inúmeras discussões sobre a utilização de tecnologias em sala de aula e suas contribuições para a prática do professor e o desenvolvimento dos alunos, pensou-se em utilizar o vídeo como forma de para aproximar o aluno dos processos educativos, tornando-os assim, mais participativos em sala de aula e reflexivos sobre seus alcances forma dela. Uma vez que os jovens estão bastante ligados à revolução digital e seu impacto na educação tem sido cada vez mais recorrente nas escolas, de forma que o uso das tecnologias serve para potencializar o aprendizado. Assim sendo, sobre a revolução causada pelo uso de tecnologia Pierre Lévy (2008, p. 187) diz que:

[...] aumenta cada vez mais nossa responsabilidade. É ao mesmo tempo encantador e angustiador lidar com tanta informação e recursos que precisam de administração e filtragem, pois nossa função é mediar a construção do conhecimento.

Por isso é preciso avançar, estando sempre atualizado, tendo um novo olhar acerca dos processos metodológicos. Segundo Moran (1995) quando utiliza o vídeo como produção é possível documentar aulas, através de experiências, depoimentos ou entrevistas, em que o professor deve registrar o que seja mais significativo. Conforme Libâneo (1998, p.15) ”o mundo contemporâneo [...] está marcado pelos avanços na comunicação e na informação e por outras tantas transformações tecnológicas e científicas”.

Assim, é necessário que o docente esteja atualizando sua formação para fazer o diferencial no ambiente escolar, sempre trazendo novidades que possam agregar aspectos positivos ao seu planejamento e atuação com a utilização das tecnologias em sala de aula.

Para Moran:

Na sociedade da informação todos estamos reaprendendo a conhecer, a comunicar-nos, a ensinar e a aprender; a integrar o humano e o tecnológico; a integrar o individual, o grupal e o social. Uma mudança qualitativa no processo de ensino/aprendizagem acontece quando conseguimos integrar dentro de uma visão inovadora todas as tecnologias: as telemáticas, as

audiovisuais, as textuais, as orais, musicais, lúdicas e corporais. Passamos muito rapidamente do livro para a televisão e vídeo e destes para o computador e a Internet, sem aprender e explorar todas as possibilidades de cada meio. (MORAN, 2000, p.1)

Nesse aspecto, o vídeo também pode ser utilizado como recurso para a avaliação, se valendo do processo de vídeo-espelho. (Moran, 1995). Daí se faz o seguinte questionamento: De que forma o uso do vídeo-espelho pode ser empregado no processo avaliativo nas aulas de teatro? Pode ser utilizado para a realização da avaliação coletiva dos alunos, que é algo bastante discutido na educação, e para tanto a proposta do presente estudo sobre o uso do vídeo-espelho no processo avaliativo nas aulas de teatro, partiu de uma pesquisa sobre um meio em que os alunos pudessem participar do processo de avaliação. “O vídeo-espelho é de grande utilidade para o professor se ver na tela, examinar sua comunicação com os alunos, suas qualidades e defeitos” (MORAN, 1995, p.31).

Nesse sentido, o vídeo-espelho é um recurso, cujo principal objetivo é otimizar a relação entre os atores da educação no ensino-aprendizagem, considerando também, que está envolto de momentos de socialização e reconstrução de conhecimentos necessários para o fazer teatral e para a própria vida.

Se a aula do professor for bem planejada, qualquer que seja o recurso tecnológico que ele utilize prenderá a atenção dos alunos, permitindo-lhes refletir sobre uma teorização da prática, assim apresentando diversas possibilidades de enriquecimento da aquisição de saberes de forma que é possível “(...) contribuir para desenvolver um bom trabalho em sala de aula”. (NUNES, 2012, p. 12-13). Com a utilização do *smartphone* é possível registrar as práticas cênicas para serem observadas pelos alunos e professor, para depois se realizar discussões acerca do percurso individual e coletivo da ação educativa em teatro. Desse modo, a utilização do vídeo-espelho servirá como vídeo registro da construção educativa dos envolvidos. “O vídeo-registro é uma ferramenta poderosa para fornecer aos sujeitos uma visão descentrada de si mesmos” (...), (JAPIASSU, 2003). p. 71).

Diante do exposto, a utilização da tecnologia poderá assessorar na sistematização de uma avaliação mais criteriosa e participativa, em especial a utilização do vídeo como uma ferramenta que poderá auxiliar o docente em seus apontamentos sobre a evolução dos discentes durante todo o processo de envolvimento com as aulas, servindo de vídeo-espelho.

Posterior à prática artística pode se valer dos registros realizados com o uso do *smartphone*, pois segundo Silva (2009, p. 9) “o vídeo é um recurso (...) que proporciona a visualização e a audição, toca os sentidos, envolve os alunos”, num momento de reflexão e

análise sobre seus feitos, incentivando-os a querer cada vez mais buscar novas alternativas de melhorias para seu desenvolvimento em sala de aula de forma mais participativa. É necessário perceber que quando existe a utilização de tecnologias associadas à prática docente, altera-se o papel tradicional do professor, de forma que o mesmo que sua linguagem passa a se desenvolver de forma mais próxima com a dos alunos, sendo que para isso precisa estar sempre se atualizando. Nesse sentido, tem se observado que os avanços tecnológicos são tão promissores que, como nos diz Levy:

A aceleração das Tecnologias é tão forte e tão generalizada que até mesmo os mais “ligados” encontram-se, em graus diversos, ultrapassados pela mudança, já que ninguém pode participar ativamente da criação das transformações do conjunto de especialidades e técnicas, nem mesmo seguir essas transformações de perto. (LÉVY, 2008b, p. 28).

Por compreender toda essa aceleração, é importante que o professor esteja sempre evoluindo em seus métodos pedagógicos, e com isso proporcionando um ensino inovador, capaz de transformar e reconstruir novos saberes. “A qualidade da profissão está mais no método de sua permanente renovação, do que em resultados repetidos”. (DEMO, 2015, P.81). Assim, (DEMO 1997) evidencia que a condição crucial da educação é que o professor seja pesquisador.

No entanto, percebe-se que a utilização da tecnologia na educação é uma forte ferramenta de inovação para enriquecer o processo de aprendizagem, e como exemplo o vídeo é um instrumento estimulador para que todos os envolvidos na cena teatral possam realizar uma avaliação conjunta para reconhecer e melhorar sua prática teatral.

Para Desgranges (2006), “A avaliação coletiva das cenas vai propiciando que os jogadores vão, aos poucos, apropriando-se da linguagem teatral, efetivando análises mais criteriosas dos jogos a aprimorando a qualidade de sua comunicação com o espectador”.

Portanto, a utilização do vídeo como registro na avaliação de exercícios e trabalhos teatrais pode ser usado como instrumento de verificação. Nesse sentido, permitindo a participação de todos os envolvidos na atividade de maneira descontraída, e assim obtendo registros que sejam importantes para seu processo de desenvolvimento em sala de aula e não apenas esperando por uma única avaliação que é a do professor da disciplina. Sendo que a “a avaliação é fundamental [...] para uma atividade centrada no processo [...] uma vez que está associada à eficácia do ensino em termos de seu planejamento e estrutura”, afirma CABRAL (2002).

Segundo Luckesi (1986, p. 367) o uso da tecnologia nos dá “possibilidade de utilizar esses instrumentos para sistematizar os processos e a organização educacional e uma reestruturação do papel do professor”. Assim sendo, o vídeo pode ser visto como uma ferramenta capaz de aperfeiçoar registros de trabalhos e no que lhe concerne, servir de instrumento no momento de avaliação.

3. O ENSINO DE TEATRO - EXPERIÊNCIAS DE UM EDUCADOR

O ensino de arte/teatro na escola tem sido motivador pela oportunidade de trabalhar especificamente com a linguagem cênica e de perceber a importância da experiência na reconstrução de conhecimentos, principalmente por incentivar os discentes na busca constante da pesquisa, associada ao fazer artístico num contexto participativo e motivador com vistas a busca constante de novos meios de aprendizagem.

Segundo Koudela (2006, p. 78) “[...] o teatro, enquanto proposta de educação trabalha com o potencial que todas as pessoas possuem, transformando esse recurso natural em um processo consciente”. Sendo assim, cada vez mais a linguagem teatral irá contribuir para o desenvolvimento de processos significativos de redescoberta das potências estético-criativas de cada um dos indivíduos envolvidos.

No momento em que se realiza o ensino e a aprendizagem, se constrói saberes que farão toda a diferença na estruturação de novas ideias colocadas em prática no contexto escolar, para tanto, “experimentar é penetrar no ambiente, é envolver-se total e organicamente com ele” (SPOLIN, 2005, p. 3).

O teatro é uma área de conhecimento que está conectada a uma contextualização e a uma prática pedagógica docente, possuindo conteúdos, objetivos, métodos e avaliações que precisam ser conhecidos e valorizados. A representação cênica é o meio pelo qual nos relacionamos com os outros “[...] Só o teatro faz isto: só ele lança o poema para diante de nossos olhos, e só ele lança e entrega a integridade de uma existência” (GUÉNOUN, p. 147).

Através de sua prática na escola é possível desenvolver o processo de resignificação das relações humanas, fazendo com que a percepção e a sensibilidade dos envolvidos sejam cada vez mais profundas, de maneira a refletir sobre suas experimentações em sala de aula. É sabido que o teatro como disciplina pode incentivar os discentes a ampliarem suas potencialidades de aprendizagem, atuando assim, coletivamente numa convivência mais harmônica em sociedade.

Conforme os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's), o teatro na escola, tem o intuito de proporcionar o fortalecimento do aluno para a ampliação de conhecimentos da linguagem cênica, de forma que se torne muito mais expressivo, aperfeiçoando seu desempenho na oralidade, psicologicamente, cognitivamente e na produção individual e coletiva. É importante entender que o teatro “[...] pode ser a brecha que se abre na nova perspectiva da ciência e ensino-aprendizagem [...]. (CAVASSIN. 2008 p 48).

Nessa perspectiva, a linguagem teatral ao ser trabalhada na escola, contribui para o desenvolvimento do pensamento crítico, do equilíbrio emocional, enfim, do conhecimento do corpo e da mente por meio de experiências, que trazem como resultado envolvimento, em ações pedagógicas cooperação de maneira a desenvolver diferentes habilidades como a leitura, a interpretação, a produção textual, a criatividade, e desejo de superação. Assim, o contato com a disciplina de teatro oportuniza uma gama de conteúdos e práticas cênicas que enriquecem os processos de aprendizagem dos alunos.

Logo, com a utilização do vídeo-espelho foi possível acompanhar a desenvoltura dos discentes e perceber algumas dificuldades e potencialidades deles durante o percurso das aulas. Eles ficaram entusiasmados com o uso do *smartphone* nas aulas para a realização de registro, pois a tecnologia tem, junto a esse público, um grande impacto positivo no que tange a identificação com sua forma de ver e agir no mundo. Eles são nativos digitais, aliar ensino de teatro e tecnologia é, portanto, atribuir aos processos educativos uma maior identificação junto a estruturação de suas vidas.

É necessário conhecer a pedagogia do teatro para desenvolver um trabalho focado e comprometido com a visão de que “[...] a arte teatral pode e precisa ser acessível a todos” (DESGRANGES, 2011, p. 36), levando sempre em consideração todos os aspectos que envolvam a aprendizagem dos discentes.

Assim, é importante ressaltar que a experiência com vídeo registro é importante para o crescimento educativo e pessoal por meio do teatro como disciplina, e tem sido significativo seu uso para os processos avaliativos na educação em arte de modo interativo.

Mesmo de posse de todas as contribuições que o ensino de teatro traz para a formação escolar e para a vida, ainda existem olhares de descaso em relação ao ensino de arte, em parte por conta da existência de profissionais da área de educação que não possuem a devida formação na área e que ministram aulas de arte sem devida habilitação. Ainda sobre olhares de incompreensão sobre o ensino de arte é importante destacar, rechaços de outros profissionais, pais de alunos e estudantes que inferiorizam a contribuição da arte no contexto

da educação, desconhecendo seu papel como área de conhecimento específico, relegando-lhe a uma atividade lúdica.

Conforme Japiassu (2001, p.23), “constata-se que o ensino das artes, na educação escolar brasileira, segue concebido por muitos professores, funcionários de escolas, pais de estudantes e os próprios estudantes como supérfluo, caracterizado quase sempre como lazer, recreação”.

Por isso, a necessidade de fortalecer o teatro como área de conhecimento, de tal forma que se conheça sua essência [...]. “Só o teatro faz isto: só ele lança o poema para diante de nossos olhos, e só ele lança e entrega a integridade de uma existência” (GUÉNOUN, 2004, p. 147).

É importante compreender o quanto a experiência nos faz diferente, possibilitando um amadurecimento capaz de modificar pensamentos e atitudes no decorrer de sua trajetória, sendo aquilo que “[...] “nos passa, ou que nos toca, ou que nos acontece, e, ao nos passar, nos forma e nos transforma. Somente o sujeito da experiência está, portanto, aberto à sua própria transformação”, (BONDÍA, 2015, p. 28). Assim, quando o educador reflete sobre o valor da experiência, percebe o quanto o seu trabalho poderá ser um diferencial no ambiente escolar. Nesse sentido, Bondía (2002) faz uma reflexão citando Heidegger: (1987, p. 143) que diz:

[...] fazer uma experiência com algo significa que algo nos acontece, nos alcança; que se apodera de nós, que nos tomba e nos transforma. Quando falamos em “fazer” uma experiência, isso não significa precisamente que nós a façamos acontecer, “fazer” significa aqui: sofrer, padecer, tomar o que nos alcança receptivamente, aceitar, à medida que nos submetemos a algo. Fazer uma experiência quer dizer, portanto, deixar-nos abordar em nós próprios pelo que nos interpela, entrando e submetendo-nos a isso. Podemos ser assim transformados por tais experiências, de um dia para o outro ou no transcurso do tempo.

Sendo assim, a experiência tem uma dimensão tão valiosa que só sabe quem de fato já vivenciou o momento, pois quando

(...) interagimos, comunicamos, fazemos uso das linguagens, sejam elas artísticas ou não, mais somos uma troca com o outro. Mais mista torna-se nossa individualidade. Mais coletivas ficam nossas características. Que nos percebamos então, todos nós, compostos por fragmentos de uma unicidade (OLIVEIRA, 2012b, p. 27).

Diante disto, quando se tem a oportunidade de vivenciar algo que possa contribuir para o desenvolvimento da prática na sala de aula, a experiência tem seu aspecto singular, importante para quem vive, transformando o educador profundamente para criar estratégias que possam proporcionar aos discentes momentos únicos por meio do relacionamento com o teatro, de forma que “ninguém pode apreender da experiência de outro, a menos que essa experiência seja de algum modo, revivida e tornada própria.” (BONDÍA, 2015, p. 32).

Assim, percebe-se que as experiências artísticas podem contribuir para aspectos que são importantes na desenvoltura da afetividade e da cognição, desempenhando um grande papel na reconstrução de valores e princípios sociais. “A arte é o meio indispensável para essa união do indivíduo com o todo; reflete a infinita capacidade humana para a associação, para a circulação de experiências e ideias”. (FISCHER, 1987, p. 13).

Em síntese, a experiência contribui para o crescimento pessoal e profissional, pois trabalhar o teatro como disciplina é algo que proporciona ao educador perceber o quanto sua dedicação ao seu trabalho pode ser reconhecida pelos discentes que aprendem experienciando nas aulas de arte/teatro e pela comunidade escolar que acompanha esse desenvolvimento e sente seus ecos em outros espaços e disciplinas. Só quem verdadeiramente tem a oportunidade de conhecer e vivenciar a arte consegue se envolver e compreender suas possibilidades e relevâncias na educação.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O teatro na educação faz toda diferença na construção social do aluno. Para a efetivação da experiência teatral com os alunos do IFMA/Campus São José de Ribamar foi utilizado o seguinte percurso metodológico: pesquisa quanti-quali, aulas teóricas, criação de roteiros, improvisação teatral, montagens e apresentações de cena.

A utilização do vídeo-espelho tem contribuído para sua aprendizagem/avaliação em teatro?

Os alunos da turma do 2º ano do curso de Eletroeletrônica na modalidade integrada foram entrevistados, segue algumas narrativas.

Narrativa 1 – “O vídeo-espelho contribui para o aceitamento e admiração da arte, o processo de si observar e observar o outro contribui para o aprender minucioso”.

Narrativa 2 – “O vídeo-espelho mostra caminhos para o meu desenvolvimento, de forma que a tecnologia em sala de aula é um bom instrumento para a propiciar a aprendizagem, foi uma ótima metodologia”.

Narrativa 3 – “Podemos nos avaliar e melhorar no que precisa ser aperfeiçoado, ajudou na minha autoestima, quando olho os registros de minhas apresentações, sinto orgulho de minha evolução e assim vontade de fazer mais e mais”.

Narrativa 4 – “O vídeo-espelho tem contribuído de uma forma eficaz, pois nele aprendi a acertar com meus erros, e fazer o que nunca imaginei, percebi que evolui e continuo evoluindo com o fazer teatral”.

Narrativa 5 – “O vídeo-espelho serviu para observar meus erros e os erros dos outros para depois corrigir de forma prazerosa, pois a interação entre professor-aluno”.

Contudo, reitera-se que a essência da presente pesquisa foi proporcionar a reflexão acerca do uso do vídeo-espelho no processo avaliativo nas aulas de teatro, pois são tantas as dificuldades em realizar uma avaliação que envolva a participação dos alunos conjuntamente com o professor, e ainda contribuir para a ressignificação do ensino e aprendizagem utilizando as tecnologias, em especial o uso do *smarthone* para fazer os vídeos para serem usados como espelho das práticas na sala de aula.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Dentre os muitos motivos que nortearam a presente pesquisa, esteve a percepção quanto às dificuldades em realizar uma avaliação que pudesse obter a participação dos alunos conjuntamente com o professor e assim, contribuir para a ressignificação do ensino e da aprendizagem em teatro, tendo em vista que o processo de construção e reconstrução de conhecimentos, em um modelo crítico a partir da experiência e através do fazer teatral na escola, pode tornar os seres humanos mais participativos e protagonistas de sua própria aprendizagem, aliada a experiências significativas.

O professor, portanto, é um agente mediador indispensável no processo de inter-relação das TIC's com as novas formas apreensão do conhecimento, tendo em vista o alcance dos objetivos previamente definidos, no desenvolvimento da investigação, pesquisa e da experimentação em sala de aula.

Assim, é necessário o entendimento de que o uso das tecnologias na educação pode influenciar no surgimento de novas estratégias de conhecimento, ampliando a aprendizagem,

oportunizando a criação de espaços que beneficiem a criticidade, a observação, a análise e a troca de experiências como estratégias pedagógicas que assegurem a ascensão cognitiva e participativa do aluno.

Nesse sentido, os feedbacks dos alunos em relação ao uso de registro dos vídeos servindo como espelhos dos processos educativos e de avaliação contribuem de forma significativa para o processo ensino e aprendizagem em arte/teatro.

REFERÊNCIAS

- BRASIL. Diretrizes Nacionais da Educação Especial na educação Básica. Brasília. MEC/SEESP, 2001.
- BOAL, Augusto. *A Estética do Oprimido*. Rio de Janeiro: Funarte, 2008.
- BONDÍA, Jorge Larrosa. Notas sobre experiência e o saber da experiência. *Revista Brasileira de Educação*, Nº 19, 2002.
- CABRAL. Beatriz. **Avaliações em Teatro: implicações, problemas e possibilidades**. SALA PRETA, Revista do Departamento de Artes Cênicas – ECA – USP, SP. Nº 02, 2002.
- CAVASSIN, Juliana. **Perspectivas para o teatro na educação como conhecimento e prática pedagógica**. R.cient./FAP, Curitiba, v.3, p.39-52, jan./dez. 2008.
- DEMO, P. **Educar pela Pesquisa**. São Paulo: Autores Associados, 2015.
- DEMO, Pedro. *Educar pela pesquisa*. Campinas: Autores Associados, 1997.
- DESGRANGES, Flávio. **Pedagogia do teatro: provocação e dialogismo**. 2.ed. São Paulo: Crucite, 2011.
- FISCHER, Ernest. **A necessidade da arte**. Tradução Anna Bostock. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1987.
- GUÉNOUN, Denis. **O Teatro é Necessário?** Editora perspectiva. 2010.
- KOUDELA. Ingrid. **Jogos teatrais**. São Paulo: perspectiva, 2006.
- JAPIASSU, Ricardo. **Metodologia do ensino do teatro**. 8. Ed. São Paulo: Ed. Papirus, 2001.
- LÉVY, P. A. **A inteligência coletiva: Por uma antropologia do ciberespaço**. São Paulo: Loyola, 2010.
- _____. **As Tecnologias da Inteligência: O futuro do Pensamento na Era da Informática**. Rio de Janeiro: 34, 2008a.

- MORAES, M. C. **Subsídios para Fundamentação do Programa Nacional de Informática na Educação**. Secretaria de Educação à Distância, Ministério de Educação e Cultura, Jan/1997.
- MORAN, José Manuel et al. **Novas tecnologias e mediação pedagógica**. 6. ed. Campinas: Papirus, 2000.
- MORAN, José Manuel. A educação que desejamos: novos desafios e como chegar lá. In: _____ **Tecnologia educacional**. Editora Papirus. Campinas - SP. 2009.
- MORÁN, M. José. **O vídeo na Sala de Aula**. Comunicação e Educação, São Paulo, (2): 27 a 35, jan. /abr. 1995.
- NUNES, Sônia Maria Serrão. **O vídeo na sala de aula: um olhar sobre essa ação pedagógica**. Monografia - Curso de Especialização em Mídias na educação, Universidade Federal do Amapá, Macapá, 2012.
- OLIVEIRA, Ailza de Freitas. **Avaliação Técnica e Pedagógica da Tecnologia Educacional E-proinfo: sob o olhar de uma educadora**. In: CANANÉA, Fernando Abath (Org.). Trilhas Educacionais. João Pessoa, PB: Gráfica e Editora Imprell, 2012b.
- SILVA, Janete Borges. **O vídeo como recurso didático**. Monografia - Programa de Formação Continuada em Mídias na Educação, Universidade Federal do Rio Grande, Chuí, Rio Grande do Sul, 2009.
- SPOLIN, Viola. **Jogos Teatrais na Sala de Aula: um manual para o professor**. São Paulo: Perspectiva, 2010.